

MANGANÊS 26-10-57

LEIO em «O Globo» uma defesa que o sr. Teodoro Arthou, ex-governador interino do Território do Amapá, faz da concessão feita ali a uma empresa norte-americana para a exploração de manganês.

Não duvido de modo algum da boa fé do sr. Arthou, nem da verdade das coisas que ele afirma. Também não quero me inculcar como entendedor do assunto, que simplesmente não conheço. Confesso, porém, que, em face do que ele próprio diz, não consigo sentir pelo negócio o mesmo entusiasmo que ele demonstra.

Tôda gente sabe que o manganês é essencial à indústria siderúrgica, mas que sua ocorrência é relativamente rara no mundo ocidental. Foi naturalmente por isso que a empresa norte-americana resolveu explorá-lo no Amapá; para explorá-lo teve de construir uma estrada de ferro e um pórtio, e nisso não há qualquer benemerência, mas simples necessidade. E que pague um «royalty» por tonelada exportada é também completamente normal. Diz-nos o sr. Arthou que a estrada de ferro e o pórtio são fatores de progresso local, e que o produto do «royalty» permitirá, entre outras coisas, a construção de uma hidrelétrica. Não duvidamos; mas achamos que isso não basta para justificar a concessão.

O ponto está em saber quais são as necessidades atuais de manganês da nossa siderurgia e as previsíveis nas próximas dezenas de ano; as reservas prováveis desse minério nos Estados do Sul; as reservas do próprio Amapá, e o tempo em que se esgotarão, no ritmo em que estão sendo exportadas. Não estaremos, nesse caso do Amapá, diante de um desses casos tão comuns na história das concessões desse tipo — em que em troca de um progresso local e transitório, um país chega à situação de precisar importar o que exportou e da riqueza passada só guardar enormes buracos na terra e algumas instalações desmanteladas?

Esse famoso «royalty» compensará acaso a perda de um minério que nos poderá fazer muita falta dentro de pouco tempo? Basear o progresso de uma região em um empreendimento que pela sua própria natureza é transitório será boa política?

Se eu tivesse dados suficientes para responder a estas perguntas não as estaria fazendo. Quero apenas manifestar minha desconfiança nesse caso que ao sr. Arthou desperta apenas entusiasmo. A estrada de ferro, o pórtio, os dólares empatados: tudo isto tem um só fim: carregar o minério para os Estados Unidos. E quando o minério se acabar e a empresa desejar «good-bye» para todos e for abrir buracos em outra freguesia — será que então o sr. Arthou e eu teremos motivos para ficar muito contentes? Acho prudente pelo menos duvidar...